



Macroplan®
Prospectiva, Estratégia & Gestão

O Mundo em 2030: Desafios para o Brasil

Davi Almeida e Rodrigo Ventura

Macroplan - Prospectiva, Estratégia & Gestão

Artigo Publicado em: Sidney Rezende Notícias - www.srzd.com

Junho de 2007

Após duas décadas de baixo crescimento econômico – as de 80 e 90 – como estará o Brasil em 2030? A resposta a esta pergunta dependerá, em grande parte, de como se comportará o país diante das múltiplas oportunidades e ameaças com as quais a economia brasileira irá se defrontar nas próximas décadas.

Um olhar atento sobre a conjuntura mundial revela a existência de tendências consolidadas com as quais conviveremos até 2030 e cujos primeiros estágios já se manifestam no presente. Nos últimos anos o mundo tem vivenciado a ampliação dos fluxos de informação, tecnologia, capitais, produtos, serviços e pessoas ao redor do mundo, e esta é uma tendência que deverá se intensificar nos próximos anos, representando grandes oportunidades para o desenvolvimento nacional.

Entretanto, para que possa efetivamente capturá-las, é essencial que a economia brasileira acelere seu grau de integração com a economia global por meio de uma maior abertura externa, intensificando suas relações de troca com o exterior. Mostrando-se capaz de desenvolver novos mercados e elevar o seu fluxo de comércio exterior, o Brasil terá mais flexibilidade para se ajustar a choques externos sem precisar desacelerar o crescimento, desvalorizar o câmbio ou elevar abruptamente os juros domésticos.

A intensificação da globalização reforça ainda a tendência de consolidação do conhecimento como o novo motor da economia mundial, o que conferirá maior destaque ao papel do capital humano como insumo de crescente importância no processo de desenvolvimento. No Brasil, entretanto, este ainda é um ativo escasso.

Notadamente, uma característica que distingue o País no contexto internacional é justamente a baixa escolaridade da sua força de trabalho: enquanto que a população adulta dos países da OCDE com idade superior a 25 anos registram, em média, escolaridade de 11,8 anos de estudo, os brasileiros nesta mesma faixa etária apresentam apenas 6,6 anos de escolaridade. O desempenho brasileiro é insuficiente mesmo quando comparado ao de outros países emergentes: Coreia do Sul e Chile, por exemplo, exibem escolaridade de 11,9 e 9,9 anos, respectivamente. Por isso, para que o Brasil possa se apropriar das transformações trazidas pela consolidação da Economia do Conhecimento, é essencial a priorização de políticas que promovam um salto educacional em todo o País, com ênfase na universalização da educação básica de qualidade, no aumento da eficiência do ensino superior e no desenvolvimento de redes de formação profissional articuladas com as demandas do setor produtivo.

Outro aspecto que marcará o panorama mundial nas próximas décadas é a ascensão de países emergentes que, por sua dimensão, têm elevado potencial de ocupar um lugar de liderança no mundo: as chamadas “baleias”. Desde 1991, os chineses viram a sua economia encorpar, em média, 9,7% ao ano. A Índia vem um pouco atrás, com um crescimento à taxa anual próxima

de 6%. A expectativa é que, em 2030, estes países figurem entre as quatro maiores economias do mundo e, juntas, apresentem um PIB superior ao norte-americano.

Se, por um lado, o crescimento econômico das “baleias” provocará uma significativa expansão da demanda global por commodities industriais, agrícolas e energia, com impactos positivos sobre o comércio exterior brasileiro, por outro lado será responsável por uma gradual transferência do eixo mais dinâmico da economia mundial do Oceano Atlântico para o Pacífico. Dado que as relações de troca do Brasil com o mundo acontecem, predominantemente, via Atlântico, este aspecto tem implicação direta para a economia nacional. Nesse sentido, o investimento em sistemas e serviços logísticos eficientes e de elevado desempenho, somado a uma maior integração da América do Sul, é essencial para que os produtos nacionais se mantenham competitivos e possam fazer frente à crescente concorrência internacional.

Entretanto, a emergência das baleias também é portadora de uma grave ameaça para o país: o aumento da concorrência dos produtos chineses no ambiente internacional poderá ser visível também no mercado interno. A competição dos produtos chineses tem o potencial de ameaçar vários setores da economia brasileira cuja produtividade e competitividade são incompatíveis com a chinesa. Este aspecto, por sua vez, aumenta o risco de que a economia brasileira seja delegada o papel exclusivo de produtor de commodities de baixo valor agregado e de que a indústria nacional seja crescentemente transformada em simples distribuidoras de produtos importados.

A ascensão das “baleias” é acompanhada também do crescimento da população mundial, oriunda especialmente dos países emergentes, o que será responsável pelo aumento continuado da demanda mundial por alimentos. Este aspecto oferece ao Brasil uma grande oportunidade, dado que dispõe de mais de 105 milhões de hectares de terras ainda a incorporar ao mapa agrícola. Reforça-se, assim, a importância da recuperação e modernização da infra-estrutura de larga escala para escoamento da produção agrícola e do desenvolvimento de uma rede de inovação tecnológica articulada com as demandas do setor, tendo em vista o incremento da competitividade e do grau de agregação de valor no agronegócio.

O desenvolvimento de uma rede de inovação tecnológica articulada com as demandas do setor produtivo também é essencial para que o País possa beneficiar-se de outra grande tendência mundial do campo energético: o início da inflexão do petróleo na matriz energética mundial. Apesar de seu domínio na matriz energética global ser uma certeza nas próximas décadas, a maior conscientização ambiental e os crescentes ganhos de eficiência e competitividade de fontes de energia renováveis e mais limpas darão início a este processo gradual do declínio do petróleo na matriz. Nesse sentido, a destacada posição de “celeiro agrícola” do mundo e as imensas reservas naturais oferecem ao Brasil um vasto leque de

oportunidades, em especial no que se refere ao desenvolvimento da indústria de biocombustíveis.

Assim, observamos que o mundo, nas próximas duas décadas será portador de múltiplas oportunidades para o Brasil, mas também de ameaças que, se não neutralizadas, poderão implicar graves perdas ao País em termos de crescimento econômico e bem-estar social. A concretização ou não de tais implicações estará condicionada ao comportamento da competitividade sistêmica do Brasil em relação aos demais países durante este período, o que reforça a importância de iniciativas que visem uma maior integração comercial, a superação de importantes gargalos de infra-estrutura e logística, o desenvolvimento do capital humano e a consolidação de uma rede de inovação tecnológica articulada com a produção.

Ademais, a materialização de tais oportunidades demandará a superação de outro importante gargalo ao desenvolvimento nacional: a existência de um ambiente interno hostil ao investimento privado. Isto reforça a importância de produzir agendas macro e microeconômica sinérgicas e complementares. Sob o ponto de vista macroeconômico, a agenda inclui a necessidade de reduzir a dívida pública e os gastos públicos correntes, de forma a viabilizar quedas da carga tributária e do custo de capital das empresas, combinado ao aumento dos investimentos públicos, notadamente em infra-estrutura. Já a agenda microeconômica, mais abrangente e complexa, deve ter como objetivo alterar o ambiente competitivo e regulatório, de forma a estimular a eficiência e reduzir o risco da atividade econômica.

O objetivo final das duas agendas é o mesmo: permitir a elevação dos investimentos produtivos e viabilizar o crescimento econômico sustentado. Caso não obtenha sucesso na superação de tais desafios, o Brasil corre o risco de não ser nem mais o “país do futuro”, pelo menos até 2030.

Davi Almeida é engenheiro de produção, pela UERJ. É consultor da MACROPLAN, onde participou dos projetos de planejamento estratégico e elaboração de cenários para governos estaduais e empresas.

Rodrigo Ventura é economista, pela UERJ. Mestrando pelo IBMEC. É consultor da MACROPLAN, onde participou dos projetos de planejamento estratégico e elaboração de cenários para governos estaduais e empresas. É co-autor do livro “Quatro Cenários para o Brasil 2005-2007, editora Garamond.

RIO DE JANEIRO

Rua Visconde de Pirajá, 351 - Sala 718
Ed. Fórum de Ipanema
Ipanema - Rio de Janeiro/RJ
Cep: 22410-003
Fone/fax: (21) 2287-3293
e-mail: macroplan@macroplan.com.br

SÃO PAULO

Alameda Santos, 905 - Conjunto 112
Ed. Santos Dumont
Cerqueira César - São Paulo/SP
Cep: 01419-001
Fone/fax: (11) 3285-5634
e-mail: macroplansp@macroplan.com.br

BRASÍLIA

SCN, Quadra 01 - Bloco C, Sala 908
Ed. Brasília Trade Center
Asa Norte - Brasília/DF
Cep: 70.711-902
Fone: (61) 3328-6504
Fax: (61) 3328-7446
e-mail: macroplandf@macroplan.com.br

ESPÍRITO SANTO

AV. Nossa Senhora dos Navegantes, 451 - Sala 1301
Ed. Petro Tower
Enseada do Suá - Vitória/ES
Cep: 29.050-335
Fone/fax: (27) 2123-1412
e-mail: macroplanes@macroplan.com.br